

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil

Class.: 07

Data 9 de setembro de 1987

Pg.: 22

## Represas ameaçam as cavernas ainda inexploradas no Xingu

Antonio José

**BELEM** — Cavernas descobertas no município de Altamira (PA), na área de influência das futuras represas do complexo hidrelétrico de Altamira, no rio Xingu, são, segundo os pesquisadores do Grupo Espeleológico Paraense (GEP), uma ameaça às represas, e, ao mesmo tempo, poderão ser destruídas pelas águas dos reservatórios.

Para evitar que isso aconteça, os pesquisadores do GEP estão pedindo à Eletronorte, a subsidiária da Eletrobrás responsável pelo complexo hidrelétrico, a inclusão no projeto de obras destinadas a proteger as cavernas, descritas como de grande beleza natural e grande interesse científico.

**Erosão** — O complexo hidrelétrico de Altamira, que será erguido na região conhecida como Volta Grande do Xingu, deverá gerar 17 mil megawatts — duas vezes a capacidade de produção da usina hidrelétrica de Tucuruí, também no Pará, e 30% mais que a binacional Itaipu. Para isso será necessário construir três barragens, nas localidades de Babaquara, Juruá e Kararaó, que vão alimentar as duas usinas que formarão o complexo hidrelétrico, chamadas Babaquara e Kararaó.

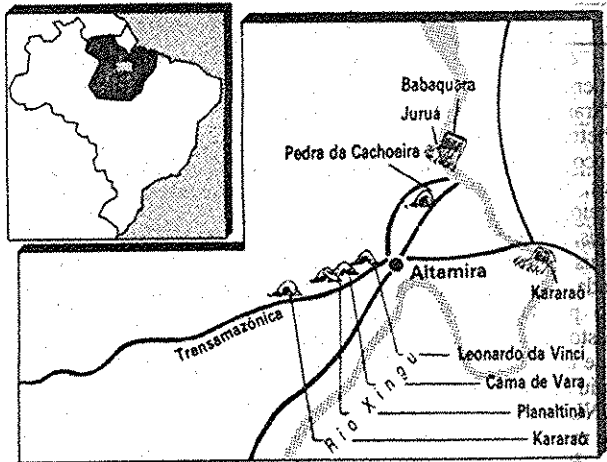
Segundo os pesquisadores do GEP, que descobriram as cavernas da região, a formação do gigantesco reservatório provocaria um processo de erosão nas paredes do lago e a água represada escoaria pelas fendas resultantes da erosão, com dupla consequência. Na primeira, seriam destruídos os ambientes do interior das grutas pela inundação súbita ou gradativa e, por aí, a água escoaria para o lado oposto da serra sob a qual estão as cavernas. Então, dizem eles, o nível do reservatório baixaria, tornando-se insuficiente para alimentar as turbinas e comprometendo o investimento, orçado em 50 milhões de dólares a preços de hoje.

As grutas situadas na área de influência do projeto são conhecidas como Kararaó, Pedra da Cachoeira e Cama de Vara (há duas outras — Planaltina e Leonardo da Vinci — na mesma região, mas que não estão ameaçadas pelas hidrelétricas).

Segundo Roberto Vizeu, um dos geólogos do GEP, as cavernas são de arenito e, por isso, podem ser transformadas, pela pressão do lago ou por simples erosão, em canais de escoamento. No primeiro caso, haveria ruptura das paredes ao fundo das grutas, com súbita inundação de seu interior. No segundo, haveria infiltração lenta da água. Qualquer das hipóteses inviabilizaria totalmente o reservatório, diz o pesquisador.

O GEP considera que um acidente assim comprometeria a política desenvolvimentista traçada para a Amazônia. Mas a maior preocupação dos membros do grupo é o prejuízo que a ciência teria, sobretudo em relação às pesquisas arqueológicas, que estão sendo iniciadas, a coleta de informações biológicas e os estudos geológicos em torno da formação dessas grutas e da própria planície amazônica.

**Dique** — O potencial arqueológico da região de Altamira está suficientemente comprovado por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, que fazem escavações na área, com resultados muitas vezes surpreendentes. Na gruta Planaltina, a maior do país com formação arenítica, foram encontradas a uma profundidade de apenas 20 centímetros mais peças de



valor arqueológico do que em todas as 23 grutas até agora conhecidas no estado.

Com 1 mil 500 metros de extensão, a Planaltina, que fica no Km 50 da rodovia Transamazônica, tem 100 metros a mais do que a gruta Aroé Jari, também de formação arenítica, na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. Outras com as mesmas características, porém menores, existem por toda a área, num raio de 50 quilômetros em torno do futuro reservatório, tanto do lado de Altamira quanto do lado do vizinho município de Senador José Porfírio.

São várias, de acordo com o GEP, as alternativas geotécnicas capazes de evitar uma catástrofe para a ciência na região do Xingu e de salvar os investimentos prometidos pelo Governo para o projeto. Roberto Vizeu sugere a construção de um dique no interior da montanha, para proteger os fundos das grutas. Outra alternativa é impermeabilizar a encosta da serra, pelo lado do reservatório. O Consórcio Nacional de Engenharia Consultora (CNEC), encarregado pela Eletronorte de fazer os estudos de viabilidade do complexo hidrelétrico de Altamira, já está ciente dos riscos que as cavernas oferecem às represas e vice-versa, e também das alternativas geotécnicas exigidas pela situação.

**Pontencial** — Mas Vizeu adverte que qualquer iniciativa só deve ser tomada após a conclusão dos trabalhos espeleológicos da área, através dos quais será avaliado o estágio evolutivo das grutas, estimadas suas idades e o tempo que ainda têm para crescer num processo natural.

Os membros do GEP estão impressionados com o potencial científico da área. Na gruta Planaltina, por exemplo, eles descobriram peixes, algo inédito no Pará e que pode significar a existência de algum tipo de comunicação com rio ou lago exterior. Na gruta Leonardo da Vinci, com 187 metros de extensão, os pesquisadores tiveram que atravessar mares de guanos (fezes de morcegos) que lhes chegavam até os joelhos. Na gruta Kararaó, com 310 metros de extensão, descrita como a mais bonita de todas, há salões de até 20 metros de largura por 40 metros de comprimento. Em beleza, Kararaó só tem uma possível rival: a gruta da Pedra da Cachoeira, de 500 metros de extensão, que tem um magnífico lago à entrada, formado pela queda d'água que lhe valeu o nome.



A gruta Planaltina, com 1,5km de extensão, é a maior caverna de arenito do Brasil

### A riqueza das grutas da Amazônia

O grupo Espeleológico Paraense (GEP) tem pesquisado cavernas na Amazônia desde 1982. Este ano, o grupo mapeou a maior caverna em arenito do Brasil, a Planaltina, em Altamira (PA), com 1 mil 500 metros de extensão. Inicialmente ligado ao Museu Paraense Emílio Goeldi, o GEP começou suas pesquisas no vale do rio Piríá, nordeste paraense, explorando cavernas em bauxitas inéditas na literatura mundial.

Posteriormente, com apoio da prefeitura do município de Monte Alegre, no baixo Amazonas, oficializou a descoberta de cinco cavernas em arenito com grande potencial arqueológico e turístico, que apresentam pinturas rupestres. Em apoio à equipe de arqueologia do Goeldi, o GEP passou a desenvolver pesquisas na região da serra dos Carajás, sul do Pará, onde explorou cavernas de rochas variadas, desde arenito até minério de ferro.

Entre estas cavernas, destaca-se a gruta do Gavião, onde foi encontrado material arqueológico datado de oito mil anos, segundo dados do Museu Emílio Goeldi já confirmados através

de testes de carbono 14 no Museu de História Natural de Washington e num instituto de Paris.

Apesar do ineditismo destas descobertas, em Carajás, todas as cavernas, segundo o grupo, estão ameaçadas de destruição pela exploração do minério de ferro pela Companhia Vale do Rio Doce, dentro do projeto Carajás.

O GEP está começando a explorar a região de Altamira, onde serão construídas três represas para alimentar as hidrelétricas do Xingu. Já descobriu lá 16 cavernas, todas de grande potencial espeleológico e arqueológico.

O grupo não tem fins lucrativos e para o desenvolvimento de suas pesquisas tem contado exclusivamente com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará, do Museu Goeldi e de prefeituras dos municípios em que as cavernas estão localizadas. O trabalho da equipe é cadastrar as cavernas e estudar sua formação geológica e características biológicas. (A.J.)